

Dr. Silvano Sguario

ENEAGRAMA

**Tradução de Juliano Sartor
Professor de Língua Italiana**

**Coordenação e Revisão Clodoaldo Pacheco
Naturopata e Iridologista
Delegado do CENTRO DORIMO para o Brasil
Centro de Documentazione e Ricerca In Microsemeiotica
Oftalmica e Medicina Naturale – Padova - Italia**

APRESENTAÇÃO

Acerca do Dr. Silvano Sguario, o qual teve a visão e a sensibilidade de associar os estudos referentes a Iridologia juntamente com os perfis psicológicos demonstrados através do Eneagrama, podemos então expor algumas palavras que visam respaldar o seu esmero e paixão pela matéria científica.

O Dr. Silvano Sguario é formado em medicina e cirurgia pela Universidade de Modena (Itália). Médico e cientista com respaldo de cerca de 30 anos de pesquisas sobre microsemiótica oftálmica (Iridologia), realizando estudos na conceituada Escola Italiana de Siegfried Rizzi em Laces (Bolzano), na Escola Alemã de Markgraf e na Escola Russa de Makarciuk. Professor de Iridologia na Escola de Medicina Biológica do Centro Inter-Universitário Tecinese (Suíça), na Universidade Européia Jean Monnet (Bruxelas/Bélgica) nos campos de Milão, Padova, Firenze e Napoli, e também na Escola Italiana de Homotoxicologia de Milão. Encarregado científico do Centro Dorimo, faz parte do programa da Comunidade Européia (CEE) de re-qualificação profissional. Já há 25 anos trabalha no campo da linguagem não verbal corpórea, com a hipnose ericksoniana e com a morfopsicologia e fisiognomonía conduzindo diversos seminários em várias cidades italianas e européias. Utiliza-se da Iridologia na Psiquiatria e na Medicina de Base. Autor de vários artigos de Naturopatia aliados a microsemiótica oftálmica, a fisiognomonía, a psiquiatria, a programação neurolinguística, etc. Recentemente publicou o livro “Iridologia – Manuale Pratico”.

Já foi diversas vezes entrevistado pelos mais importantes comunicadores e jornalistas da televisão italiana devido a seriedade e empenho nas suas pesquisas. Vive na cidade de La Spezia, e além de professor universitário exercita a profissão de médico de base integrando a alopatia, a homeopatia e a medicina natural.

Tipo 1: o perfeccionista

São as clássicas boas crianças, aprendem a comportar-se como se deve, a assumir as responsabilidades, e a comportar-se bem na presença dos outros. Os seus valores são àqueles do trabalho, a retidão, a orgulhosa independência, a convicção de que o bom senso e a bondade podem prevalecer sobre os lados obscuros da natureza humana.

Estão convencidos de que a vida é difícil, que as comodidades são conquistadas a custa de muito suor e que o prazer deve vir em último lugar, depois dos deveres. No geral os perfeccionistas são inconscientes quanto à negação do prazer. Estão totalmente absorvidos naquilo que devem fazer e naquilo que deve ser feito, e se interrogam raramente sobre aquilo que desejariam da vida. Os desejos já foram postos de lado desde a infância. Vivem continuamente uma censura interior. No mundo mental deles existe sempre uma voz julgadora que critica tudo aquilo que pensa ou faz. A sua atenção está concentrada a tal ponto sobre aquilo que deve ser feito que não deixa espaço para que os verdadeiros desejos possam emergir da consciência.

O juízo se concentra, sobretudo sobre a raiva e a sexualidade, isto é, os impulsos que foram punidos na infância. No geral não estão conscientes das suas raivas. A raiva e a dor derivam do fato que as suas necessidades nunca foram levados em consideração.

Os desejos foram reprimidos e substituídos por uma lista de deveres. Esta privação determina uma irritação que ferve debaixo da superfície da polidez formal. Irritam-se, sobretudo com as pessoas que exprimem os lados obscuros da natureza humana porque evocam aquilo que jamais admitiriam em compartilhar.

O conflito existente entre os desejos reprimidos e a exigência de não errar torna-se evidente nas escolhas pessoais. As decisões são a armadilha na qual a escolha pelo modo justo pode desencadear a raiva deles porque não fizeram aquilo que teriam desejado, enquanto que optar por aquilo que desejam desencadeia o medo de ter cometido um erro.

O seu mais profundo desejo é aquele de ser amado não obstante a sua imperfeição.

Na infância o amor era o prêmio por um comportamento correto e isto lhe fez crer de não poder ser amado até o momento em que nele ainda permanecer qualquer imperfeição.

Na vida a dois é difícil para ele convencer-se de que o companheiro possa amá-lo assim como ele é, aceitando os lados bons e ruins da sua personalidade.

À medida que se aprofunda a intensidade, as pequenas faltas assumem dimensões sempre mais gigantescas. Quando a tensão alcança o nível crítico se tornam assim tão vulneráveis à rejeição que como por autodefesa colocam o companheiro sob juízo.

Nascem assim conflitos alimentados pela convicção de que antes ou depois o companheiro irá embora seja como for, e então, porque não terminar imediatamente antes de ficar demasiadamente envolvido?

Tipo 2: o doador

Relacionam-se com outros como se procurassem a resposta para a pergunta interior: serei amado? Possuem uma profunda necessidade de afeto e aprovação, querem ser amados, protegidos e sentem-se importantes para os outros. Na infância receberam amor e segurança graças à adesão aos desejos dos outros. Nesta busca de aprovação desenvolveram um radar muito preciso para os estados de ânimo e às preferências dos outros.

Afirmam que adaptam a própria sensibilidade às necessidades dos outros para deste modo assegurarem-se o consenso. Se não obtém a aprovação almejada, a adaptação pode se tornar um comportamento forçado que os leva a anular totalmente os próprios desejos na busca desesperada do amor através da adulação.

Tendo crescido com a idéia de que a sobrevivência depende da aprovação dos outros, sentem as relações como algo fundamental.

Referem que se descobrem alterando involuntariamente a si mesmos para resultarem desejáveis. Sabem apresentar-se de modo a dar a impressão de agradáveis, mas é um comportamento que se torna pesado até porque possíveis reações são transformadas com o propósito de dar ao outro aquilo que se deseja.

Sentem-se formados por muitos EUS, intercambiáveis para aderir aos desejos das pessoas importantes nas suas vidas. O resultado pode ser uma profunda sensação de confusão.

As primeiras fases de uma relação são dedicadas no exprimir os aspectos de si que lisonjeiam as expectativas do companheiro. As fases terminais são dominadas pela sensação de sentir-se manipulado pela vontade do companheiro, junto a um poderoso desejo por liberdade.

Vivem o conflito entre o plasmar a própria imagem para resultarem-se irresistíveis ao companheiro e, a necessidade de fazerem livremente aquilo que desejam. Os do tipo dois foram crianças amadas pela suas agradabilidade. Aprenderam rapidamente a reconhecer em si as qualidades que agradavam aos adultos e a comprazer

as suas expectativas. Foram crianças amadas que aprenderam como atrair para si um constante afeto.

Uma outra tipologia é aquela de que se aperceberam das possibilidades manipuladores no tornarem-se indispensáveis usando as próprias qualidades dedutivas para obter dos outros aquilo do qual têm necessidade.

Afirmam que a sensação de EU deles se desenvolve em base às reações dos outros nos seus confrontos.

O hábito de se adaptar os leva freqüentemente a sentir que estão enganando os amigos, como comportamento de defesa contra os riscos de fazerem-se ver como são de verdade e, portanto julgados, repetindo a sensação infantil de que o amor se obtém escondendo os lados inaceitáveis do outro.

O problema é que sabem contentar melhor os outros que a si mesmos. Uma criança na qual a segurança depende da disponibilidade em dar, se sente orgulhosa da própria indispensabilidade, desenvolvendo ao mesmo tempo relutância em levar em consideração as necessidades pessoais. As necessidades pessoais arriscam de fato a não obterem a aprovação das potenciais fontes de afeto.

Buscam a satisfação dos desejos através de outras pessoas capazes de materializá-los.

A síndrome da mãe é uma das tantas estratégias inconscientes no dar para ter.

Uma outra estratégia consiste em apresentar os outros aspectos diferentes de si, como no caso da santa e da prostituta, tanto das mulheres nos confrontos com os homens que vice-versa.

A nível psicológico se assiste freqüentemente a um verdadeiro terror pelas necessidades sexuais já que este sentimento na origem era direcionado a um dos pais, ou então, era sentido por um dos pais como incestuosamente direcionado para a criança. Na infância teve de reprimir aquelas primeiras respostas sexuais pelo interesse da sua sobrevivência emocional, mas a nível mais profundo se tratam de inter-relações pais filhos ainda não resolvidos.

Mete-se freqüentemente em triângulos amorosos por dois motivos. O primeiro deriva das implicações sexuais no relacionamento com um dos pais, e que quando adulto se transforma na necessidade de ser o preferido de maneira escondida e ao mesmo tempo aquele que compreende verdadeiramente o outro. Se o companheiro for casado, não experimenta o desejo de romper o matrimônio, mas sim aquele de ser amado e de se tornar uma figura especial. Os triângulos amorosos podem também derivar do fato que sentem que os companheiros diversos fazem emergir aspectos diferentes de si mesmo, dos quais não se sabe qual seja o autêntico.

Ter que escolher entre dois amantes pode se tornar muito difícil.

Reconduzir a atenção ao interior é freqüentemente, para os do tipo dois, um forte fator de ansiedade. Se bem que assim seja mais fácil reconhecer as próprias necessidades, tirar do outro a atenção interrompe um hábito do qual os do tipo dois fazem depender a própria segurança emotiva.

Falam freqüentemente do medo que dentro deles não exista nenhum si, que na barriga exista uma espécie de buraco negro do qual não existe ninguém.

Podem habituar-se totalmente à atenção das necessidades do outro a ponto tal de não saberem exigir um preço em troca da ajuda oferecida. Tomam consciência da sua dependência pelos outros quando se encontram obrigados a agir sozinhos. Agir sozinho pode desencadear uma ansiedade terrível, sobretudo se si deve ir contra os desejos de uma pessoa a qual desejaria o prazer.

Tipo 3: o executor

Os do tipo três foram crianças apreciadas pelos seus sucessos. Foram recompensados mais pelo sucesso e pela imagem do que pelas interações emotivas ou pela profundidade dos relacionamentos.

Tendo sido amados pelos seus sucessos aprenderam a anular as emoções pessoais e a concentrar a atenção sobre a imagem externa que lhes garantia o amor. Fundamental era evitar os insucessos porque somente os vencedores são dignos de amor.

São personalidades camaleônicas que se sobressaem em qualquer grupo e inconscientemente podem crer de conseguir encarnar qualquer imagem que receba aprovação das pessoas que estimam.

Parecem não conhecer o sofrimento e podem passar toda a vida sem reconhecer o fato de ter perdido o contato com a vida interior.

O trabalho representa a área privilegiada e dado que o valor deles depende dos sucessos no trabalho sabem dedicar-se a um dever com empenho total. Mas a vida centrada sobre o sucesso exterior sacrifica forçadamente aquela vida interior que nasce da intimidade e das exigências sobre a própria emotividade.

A maior parte não sabe que a preocupação pelo fazer impede a emergência de uma criatividade que nasce somente dos longos períodos dedicados ao ser e ao sentir.

Um momento de tempo livre sem nada programado é terrificante para pessoas condicionadas a crer que o valor pessoal depende daquilo que se faz ao invés daquilo que se é.

O tempo livre é evitado porque poderia trazer à tona os sentimentos pessoais interferindo com a eficiência no trabalho.

Exprimem o amor através da ação e a família se torna um conjunto de quadrados perfeitos. Os do tipo três enganam a si mesmos e aos outros se aderindo a uma imagem que suscita respeito e este comportamento é fonte de sofrimento. São impelidos pela necessidade neurótica de sobressair-se, e que a atenção deles é absorvida a tal ponto pelo trabalho que se tornam o protótipo da profissão deles a ponto de não conseguirem distinguir entre a figura profissional e a personalidade.

Na infância receberam apreciação por aquilo que faziam e não por si mesmos. Deste modo aprenderam que o caminho para a aprovação e para o amor passa através do sucesso. Desenvolveram assim um comportamento de promoção publicitária de si mesmos assumindo as características ideais de um personagem.

Pode produzir-se uma crise se si desperta à discrepância entre os reais sentimentos e a projeção enganosa de uma de uma fachada agradável. Pode sentir-se um impostor, sentir de estar mentindo sem ser descoberto. A descoberta que os reais sentimentos podem não corresponder com o papel apreciado pelos outros pode suscitar raiva.

A fratura entre o real e o que faz, desenvolvida na infância, se torna particularmente evidente nos relacionamentos íntimos. Podem projetar a imagem do companheiro perfeito e estarem conscientes ao mesmo tempo de personificar um papel. Diante a uma exigência de sensibilidade, podem se mostrar sensíveis sem sê-lo de verdade e o emergir das reais emoções provoca uma sensação de inexperiência.

Tipo 4: o romântico trágico

Viveram quando crianças uma experiência de abandono e como consequência sofrem de uma sensação de perda e de ausência. A situação interior deles é personificada no protótipo do romântico que, mesmo dispondo de reconhecimentos e sucessos materiais, permanece inabalavelmente ligado ao amor perdido, ao amor

impossível, ao amor perenemente esperado e a idéia de felicidade que somente o amor poderá trazer.

Falam da tristeza da depressão; alguns a aceitam com fatalismo enquanto outros a combatem tornando-se imperiosos. Falam também de um humor chamado melancolia, um estado de ânimo muito atraente que pareceria um refúgio emotivo à perda e à dor. Sentem-se vivos na rajadas das névoas emotivas: nada é permanente porque o estado de ânimo de hoje pode ser diferente do de amanhã.

O sentimento central é aquele da perda com a conseqüente diminuição da auto-estima.

Na história pessoal figura freqüentemente um abandono real ou perdas precoces, mas de qualquer modo, na idade adulta os sentimentos de abandono são dolorosamente procurados na direção da atração pelo inalcançável e através dos hábitos, geralmente reconhecidos, de rejeitar aquilo que é fácil de se obter.

Concentram inconscientemente a atenção sobre os melhores lados do objeto perdido pelo qual, a confronto, o real objeto a disposição se torna muito menos atraente.

Um dos lados mais doces da melancolia é a união da tristeza pelo amor perdido com a prefiguração romântica do companheiro ideal que chegará no futuro. Tem a sensação de que o presente seja somente uma prova para a realidade que virá.

Quando se inicia a perfilar uma situação real, se bem que preparada em anos de fantasias e de esforços, a atenção se encaminhará na direção dos seus lados falhos. A atenção vai repetidamente na direção da coisa bela e perdida, e em comparação aquilo que é disponível parece insuficiente e desprovido de valor.

A imagem de um futuro radiante que o amor prometia é ameaçada pelos aspectos incômodos do relacionamento real. Ter que se adaptar à falta de sensibilidade do companheiro desencadeia a raiva e a feroz necessidade de manter-se livre para o futuro despertar que operará o amor.

Se a relação parece requerer a renúncia ao nível dos ideais, buscará afastar-se do companheiro ou irá obrigar a deixá-lo antes que a imagem de um relacionamento, precioso e autêntico, venha manchada pelos aspectos realísticos negativos. A culpa é claramente do companheiro. Quando depois estiver a uma distância de segurança do relacionamento, iniciará a lamentá-lo.

Os seus relacionamentos são do modelo puxa e solta: soltar aquilo que é disponível e puxar aquilo que inatingível.

Se bem que tenha uma forte necessidade de intimidade, a intimidade real faz desencadear o medo de sentir-se inadequado e, portanto, potencialmente abandonado de novo.

Renunciar ao sofrimento de uma vida intensamente emotiva significa sacrificar a sensação de ser especial, estimulado pelo drama. Para ele a perspectiva da felicidade é sentida como uma ameaça à intensidade do seu mundo emotivo ou, pior ainda, como o risco de cair em uma visão estéril de uma vida qualquer.

O tema dominante é uma perda durante a infância. Às vezes se trata de um abandono real e o caso mais comum é o divórcio ou então o nascimento em uma família infeliz na qual a criança era solicitada a identificar-se com o descontentamento dos adultos. Ou então, porque um dos pais era hora presente, hora ausente, ou então hora amável, hora severo. A criança dependia da promessa do amor e provava a raiva quando esta lhe era subtraída.

É freqüentemente presente uma sensação de raiva por ter sido submetido a privações, de ira nos confrontos com os pais por causa da dor, enquanto outros tiveram muito mais. No geral não existe a real possibilidade de descarregar a raiva contra uma

figura que se afastou e agora dirige a própria raiva contra si mesmo, em forma de auto-acusação por ter sido inadequado a receber o amor.

A sensação de perda o diferencia das massas, o deixa trágico, diferente, especial porque a sente muito mais intensamente que os outros.

Habitualmente tendem a engrandecer as emoções e os hábitos a engrandecer inconscientemente as sensações, fazendo-os perderem os sentimentos reais em favor da intensidade deles.

O sentimento de ter sido vítima trabalha na direção de uma escassa auto-estima. A criança abandonada sente que não o teriam abandonado se tivesse sido menos inadequado, e mais um vencedor.

A busca de um sentido profundo freqüentemente o desvia levando-o a crer que uma relação despreocupada seja uma relação superficial, portanto indigna de consideração.

Tipo 5: o observador

O Eu do observador é como um castelo, uma alta e impenetrável estrutura com minúsculas janelas em cima. O proprietário deixa raramente os seus muros e espia secretamente do interior sem ser observado. São pessoas muito reservadas, amam viver em locais escondidos, longe das tensões emocionais.

Quando crianças se sentiam invadidas: os muros do castelo foram violados e foram privados da sua intimidade. Desenvolveram a estratégia defensiva do retiro reduzindo ao mínimo os contatos e simplificando ao máximo as necessidades. No esforço contínuo de proteger o próprio espaço privado.

O mundo exterior é sentido como invasor e perigoso. Preferem não se deixarem envolver. As relações econômicas são perigosas, as obrigações são coercivas, a ira e a competitividade são controladas e os apegos emocionais são desgastantes.

Mantém-se afastados das relações das quais arriscam-se de virem a ser julgados. Pensam que os desejos e uma intensa emotividade assinalem uma falta de controle e que assim os sentimentos que se tornem dolorosos, devem ser abandonados.

São seguramente pessoas independentes, sabem viver bem sozinhos, possuem necessidades modestas. Extraem satisfação das suas vidas fantásticas. A independência deles se baseia na capacidade de desviar a atenção da vida emotiva e instintiva, com o desagradável efeito colateral de ter que viver, sobretudo, a nível mental. Quando nasce um desejo de contato, percebe-se da dificuldade de andar na direção dos outros e de quanto freqüentemente permanece a observar a vida passar. Freqüentemente são desconfiados porque os desejos poderiam torná-los dependente dos outros.

Afirmam de estarem em contato com os seus sentimentos quando estão sós. É difícil deixar emergir o seu verdadeiro eu na presença de outras pessoas, e a solidão é o trampolim de lançamento para uma vida de fantasias privadas.

As dinâmicas familiares que geralmente impelem a criança a retirar-se são duas. A primeira é uma sensação de abandono que vem fantasticamente aceito, mas assumindo a separação dos sentimentos como estratégia de sobrevivência. A segunda é uma família assim fisicamente invasora que a criança escolhe o fechamento emotivo como uma estratégia de fuga. A criança que prova desejos de fuga elabora várias estratégias para manter-se à distância. Uma é fechar-se no próprio quarto, uma outra é erigir um muro entre si e a própria emotividade. Desenvolve assim a capacidade de estar na presença de uma pessoa que deseje entrar a força na sua vida sem manifestar reações à invasão.

A autonomia dos influxos coercitivos é mais bem controlada na ausência de contatos emotivos fortes. A sua estratégia para manter a situação sob controle é não reagir, ao invés de intervir sobre o problema ou sobre uma outra pessoa.

Os outros são observados como se entre si e o próximo existisse um amplo espaço vazio como se estivesse no lado de cá de um espelho unidirecional.

A tática defensiva do não envolvimento no emaranhado emotivo se aplica tanto às emoções negativas que às aquelas positivas. Desejar alguma coisa que equivalha ao escancarar as portas para a possibilidade da perda e desejá-la intensamente significa entregar-se ao apego ou a dependência.

A estratégia da distância é mantida separando a atenção de modo que os fatos potencialmente carregados de emotividade sejam divididos em compartimentos. De fato os do tipo cinco dividem muito precisamente os setores das suas vidas. Cada setor é ocupado por determinadas pessoas que não serão nunca apresentadas ao acaso. Considera esta separação em compartimentos da vida uma garantia de privacidade e não como medo de ser conhecido na sua totalidade.

Sentem-se vivos quando estão sozinhos. Frequentemente devem afastar-se dos outros para recarregar as baterias e deixar emergir os sentimentos que suspenderam enquanto estavam acompanhados.

Amam a solidão porque são fundamentalmente independentes. Não buscam a aprovação dos outros.

Possuem a capacidade de engarrafar a complexidade dos comportamentos humanos em um modelo abstrato global; podem considerar um terremoto emotivo por uma perspectiva totalmente abstrata e conhecendo os mecanismos emotivos, podem falar tranquilamente de sentimentos sem sentirem-se envolvidos pessoalmente.

O tema central nos relacionamentos do casal é o medo dos sentimentos. A intimidade é uma ruptura ao comportamento defensivo de deslocamento da atenção das fortes emoções. Se apaixonado estará dividido entre uma forte emotividade e o hábito de desviar a atenção dos sentimentos. Facilmente cansados por um contato profundo e contínuo se retiram para compreender a própria posição e esta repentina retirada pode ferir o companheiro se este não possuir também a sua mesma capacidade de afastamento.

Tipo 6: o cético

Perderam na infância a confiança na autoridade. Recordam com medo o poder exercitado sobre eles e a incapacidade de agir no próprio interesse. Estas recordações alimentam na vida adulta um comportamento duvidoso no confronto das motivações dos outros e então tentam aliviar a própria insegurança ou buscando uma forte figura protetora ou opondo-se à autoridade no papel de um cético.

Tendo medo de agir no próprio interesse, não conseguem colocar em prática os projetos. O pensamento se substitui a ação, porque a atenção passa do impulso de colocar em ato uma idéia para a crítica daquela mesma idéia, assumindo um ponto de vista contrário. Esta dúvida generalizada provém da necessidade de manter afastada a interferência autoritária durante a infância. A dúvida conduz ao adiamento que visa evitar o medo da punição sofrida pela oposição infantil pela autoridade.

Possuem o hábito de hesitar, não porque não saibam afrontar os seus deveres, mas porque colocam continuamente em discussão as próprias capacidades.

Uma demonstração de afeto faz levantar ainda mais a guarda porque a confiança infantil dele o expõe a feridas nos momentos nos quais abaixavam a guarda.

Se sentem-se ameaçados, o hábito de examinar a tudo se intensifica. Quanto mais perigos sentem, mais se tornam duvidosos enganando-se freqüentemente sobre a real gravidade da ameaça. Podem ter duas diferentes estruturas paranóicas. O fóbico que se apresenta de modo amedrontado e duvidoso nos confrontos da vida, hesita, substitui a ação pela análise cheia de contradições e de dúvidas sobre si mesmo. O contrafóbico pode recorrer à estratégia de manter os outros incomodados e se si mostram aborrecidos então saberá que preparam intenções malignas.

Contam de terem sido criados por autoridades que não se demonstraram dignas de confiança. A perda da confiança gerou punições ou humilhações infligidas pelos pais, sobretudo no caso de pais com comportamento mutável e imprevisível. Suportaram explosões de ira inesperadas dos adultos, sem terem sido informados sobre a culpa cometida. Lembra-se de pais mentalmente perturbados que os puniam sem motivos aparentes, por isto o desenvolvimento de um contínuo e atento exame dos adultos. Assustados pela possibilidade de serem feridos ou de se sentirem culpados, foram obrigados na infância a descobrir as intenções dos adultos antes de fazer qualquer coisa.

A figura comum é aquela de uma criança desprovida de proteção, desprovida de um lugar aonde se sentir segura. A ânsia que marca a vida adulta se deriva diretamente da sensação de estar ao lado da parte perdedora, sem a proteção de uma figura forte. Sentido-se impotentes durante a infância, como adultos possuem dificuldade para agir. Possuem o dom e ao mesmo tempo a desgraça de uma forte imaginação que lhes dá a possibilidade de prever o comportamento dos adultos e de imaginar os desenvolvimentos futuros para manter afastadas as ameaças.

O ponto fraco da atenção é que já possuem uma opinião antes de receber as provas e os indícios. Possuem a característica de retardar a ação porque os riscos superam abundantemente as probabilidades de sucesso. Que possa andar torto é um dado de fato, enquanto as probabilidades de sucesso iscam o medo de expor-se aos outros.

O adiar é alimentado por um forte hábito inconsciente de duvidar de si. A atenção se desloca da uma idéia e do impulso a colocá-la em ato a um re-pensamento igualmente potente que coloca em dúvida a exatidão da idéia. São muito hábeis no interpor obstáculos aos seus sucessos.

Nas relações do casal a confiança se constrói lentamente por causa da vulnerabilidade da dúvida. Um problema de nada pode colocar em discussão a inteira relação. Examinará e re-examinará muitas vezes as premissas de base e o “confio de verdade?”. É a questão sempre em aberto.

É-lhe necessário uma grande coragem para trabalhar na direção dos propósitos agradáveis porque o início da confiança coincide com uma recrudescência do medo e da dúvida. Se si sente amado se torna facilmente duvidoso da seriedade do empenho do companheiro temendo que si trate de um empenho não tomado conscientemente e de não conhecer os motivos que o levaram a tomá-lo.

Falam da sensibilidade às intenções não expressas pelos outros, afirmam de sentirem-se ameaçados por sentimento inconscientes dos outros e de estarem seguros da verdade do seu juízo.

Tipo 7: o epicurista

A estratégia de reação deles ao medo infantil é representada pelo fato que exteriormente não manifestam apreensão, fascinam e desarmam com a sua agradabilidade.

Foram crianças que fragmentaram o medo refugiando-se nas possibilidades ilimitadas da imaginação.

Não exprimem a própria apreensão, não manifestam o medo e se apresentam como pessoas alegres e evidentes, fortemente dependentes dos projetos e do jogo. A paranóia não se manifesta desde que a mente esteja canalizada em imaginações de sucessos futuros.

A figura arquétipo é Peter Pan, a eterna criança. É também Narciso, o adolescente que se apaixona pela própria imagem.

Todos temos necessidade de um pouco de são narcisismo, todos devemos reconhecer o nosso valor pessoal e dignidade. Os problemas nascem quando nos tornamos tão convencidos da excepcionalidade do nosso valor a ponto de não escutar os conselhos da realidade objetiva.

Os epicuristas querem saborear o melhor da vida, exigem viver em alto estilo: aventuras e grandes expectativas.

Estão ligados a crença de que a vida é ilimitada, existem sempre coisas interessantes para se fazer. O empenho é sempre acompanhado pela possibilidade de reserva. As decisões são tomadas sobre aquilo no qual sentem ser justo naquele momento. Manter aberta todas as possibilidades é uma estratégia defensiva para poder gozar os prazeres da vida eliminando o tédio e a dor.

A característica deles é a de conservar as recordações agradáveis da infância. Mesmo tendo vivido situações objetivamente dolorosas, não existem resíduos de ódio ou de culpabilidade. O deslocamento da atenção vai para a direção das recordações positivas.

Para eles cada dia é um dia cheio de possibilidades. Existe uma lista mental de coisas interessantes para fazer. São os menos tendentes à depressão porque misturam o trabalho com o jogo da imaginação. Possuem a convicção otimista de que a vida oferece possibilidades ilimitadas desde que sejam mantidas todas em aberto.

O inserimento das possibilidades o impede de deixar-se engaiolar em uma única coisa. Na mente dos epicuristas estão presentes ao mesmo tempo muitos interesses e propósitos diferentes que, estando todos engastados, conseguem se conciliar e parecem fazer parte de um único filão.

O seu medo é de ir demasiadamente a fundo em uma única coisa, medo mascarado pela atração por múltiplos interesses.

A atração pelo prazer é visto em termos positivos, mas na realidade esconde o medo da dor. A sua dificuldade está no restringimento do campo de ação porque faz emergir as capacidades reais. Submetida a um exame aproximado, qualquer presunção de excepcionalidade se dissolve.

A sua dor é aquela de conhecer-se muito menos do quanto crê.

Prefere o igualitarismo a autoridade. Na realidade já que a verdadeira preocupação deles é o medo, o interpor-se sem nenhuma rigidez é uma estratégia para desarmar o poder da autoridade.

Entram em uma relação de casal apreciando os recíprocos aspectos positivos, mas com uma nítida consciência das limitações impostas pelo casal. Empenhar-se em uma única relação, por mais que estimulante, traz uma sensação de saciedade e de tédio, e além do mais se constitui um impedimento a outras possíveis histórias de amor.

Tipo 8: o chefe

Falam de uma infância difícil na qual somente o forte era respeitado. Para não se encontrarem numa posição de desvantagem, aprenderam a se proteger desenvolvendo

uma forte sensibilidade pelas intenções negativas dos outros. Tendem a se ver como protetores, como escudos, aos amigos e aos fracos.

O amor deles passa mais através da proteção do que através das atitudes afetuosas.

O tema fundamental é o controle: quer exercitar o poder e manter sob controle os rivais.

Se desejar compreender as intenções do outro iniciará uma batalha. Trata-se de uma exigência de intimidade porque crêem que a vida venha à tona no conflito.

A sua couraça exterior protege o coração de uma criança exposta prematuramente a circunstâncias adversas. Muitos não mais descobriram dentro de si a ternura que esconderam no momento da perda da inocência infantil. O doloroso resultado do hábito de observar o exterior na busca de alguém para culpar, é porque quando finalmente a atenção se dirige ao interior, a descoberta de que todos nós somos responsáveis pela nossa infelicidade pode feri-lo com força terrível. São enormemente desconfiados de tudo aquilo que é ambigüidade, falta de clareza ou contradição.

São crianças que durante a infância sobreviveram desenvolvendo modalidades de defesa coriáceas. Sentido o mundo dominado por figuras maiores e mais fortes que queriam controlá-lo, começaram a lutar contra a injustiça usando qualquer forma de confronto capaz de fazer recuar os inimigos. São crianças que aprenderam a rejeitar os próprios limites para parecerem fortes.

A negação dos próprios limites pode trazer também a negação da dor física ou psíquica.

A alteração da consciência necessária para negar uma experiência dolorosa é um instrumento indispensável para um bom lutador, mas pode transformar-se em uma fonte de sofrimento se o lutador começar a sofrer pela opinião alheia ou quando se apaixona. Possui um grande respeito pelo confronto leal.

A imagem idealizada de si mesmos como indivíduos fortes é projetada sobre pessoas que defendem decididamente as próprias opiniões.

As suas defesas psicológicas giram entorno da idéia da própria força. Um outro modo para bloquear as intuições desagradáveis é negá-las com tanta força que cessam de ser verdadeiras, não as sepultando, mas deslocando a atenção sobre qualquer excesso.

A manifestação desprovida de inibição da raiva é um seu aspecto psicológico peculiar e constitui um ponto de orgulho e sofrimento ao mesmo tempo. O orgulho está no fato que, se existe alguma coisa para dizer, o dirá com a possível recriminação que as palavras ditadas pela ira podem causar a ruptura de uma amizade. A recompensa lhe é sempre dada pela força e, portanto é um bruto golpe descobrir que prevalecer em uma discussão pode lhe trazer além do respeito, também a rejeição.

Possuem uma baixa tolerância para a frustração, não conseguem controlar a raiva, a não manifestar uma atração sexual e a não encher duas vezes o prato. Os desejos insatisfeitos se apresentam continuamente tornando-os ansiosos e irritáveis e não conseguem passar para a ação.

Na relação como casal estão mais propensos à solidão do que a convivência como casal. À medida que a amizade se transforma em relação, reencontra-se na insólita condição de ter de se consultar com uma outra pessoa. A vulnerabilidade deles emerge muito lentamente e com trepidez. Querem criar um terreno macio aonde possam abaixar a guarda entrando nos mecanismos da relação. Por reação a consciência de começar depender do amor de outro, apresentar-se-á como um poderoso aliado e protetor. O

desejo de assumir-se a responsabilidade pelo outro se transforma facilmente no desejo de controlar a vida do companheiro, para se sentir menos vulnerável.

Tipo 9: o mediador

Sentiram-se negligenciados na infância. Recordam que a opinião deles vinha raramente escutada e que as necessidades dos outros eram antepostas às suas. A defesa é constituída em anestesiar-se desviando a atenção dos verdadeiros desejos e deslocando-a para as pequenas comodidades e substitutivos amorosos. Diante à falta de consideração das suas necessidades, aprenderam a turvar-se, a desviar a energia das necessidades e a se auto-excluir.

O emergir de qualquer necessidade pessoal é despistado. Quanto mais dispõe de tempo e energia para dedicar às próprias necessidades, mais tende a despistá-los em coisas de secundária importância. Afirmam de terem perdido o contato com os próprios desejos assumindo sobre si aqueles dos outros, mudando o rumo da energia para deveres secundários.

Tendem a concordar com os programas dos outros, seguros do fato que a posição deles será negligenciada, mas desejosos em não perder o contato aprenderam a fazer dos desejos dos outros os seus próprios.

Dizer não é extremamente difícil para o tipo psicológico que assume como seus os sentimentos dos outros. Pensam que dizer não a um outro equivale a negar alguma coisa a si mesmos.

A relação, que se estabeleceu entre a criança e os adultos, desenvolveu-se sobre a capacidade de andar com o passo ao lado dos outros, de perceber os desejos dos adultos e de adequarem-se.

A facilidade com a qual se adaptam ao ponto de vista do outro, faz sim que encontrem os lados positivos em todos os aspectos de uma situação.

Diante da necessidade de ter de tomar uma decisão podem continuar a parecer condescendentes e consencientes, mas a tranquilidade externa esconde uma tempestade interior.

A lista das indecisões é infinita e a atenção oscila sobre todos os aspectos do problema. Refugiaram-se na segurança de não saber o que querem e de não ter uma posição para defender, permanecendo em um limbo abúlico no qual as decisões são sempre um talvez. O ter que tomar uma decisão não significa ter de fazer algo apressadamente. Se alguém quiser estimulá-lo ou impeli-lo a tomar uma decisão, eles firmam o pé e se bloqueiam. Para ele evadir-se não significa automaticamente dizer não. A decisão é aquela de não tomar decisões, de aborrecer-se sem manifestá-lo, de parecer estar de acordo estando internamente dividido.

São definidos mediadores e pacificadores porque a natural ambivalência deles consente de aceitar qualquer ponto de vista sem partilhá-lo.

A capacidade de decidir é diminuída também pelo fato de ter a mente cheia de necessidades não resolvidas. Recordações de fatos acontecidos muitos anos antes podem irromper com a mesma força de um fato acontecido na semana passada, exigindo de serem vividos ainda uma outra vez.

Tomar uma decisão significa cortar algo, deixar ir, mudar e proceder, e tudo isto reacende o medo da separação. Retém muito e deixam ir pouco.

A indecisão, a raiva e a irresolução derivam pelo sentir-se excluídos delegando aos outros a decidir por eles.

A obsessão neurótica ao acordo ou o desacordo é tanto um peso como uma benção. O peso deriva do não saber o que se quer, enquanto a benção é habilitada pelo descer-se intuitivamente nas instâncias mais profundas dos outros.

Os do tipo nove se sentiram negligenciados quando crianças e como consequência não dão importância às próprias reais necessidades. Falam de situações familiares que vão do serem ignorados, a serem colocados na sombra dos irmãos, do serem reprovados ou abertamente atacados se exprimissem as suas idéias. Comum a todos é a sensação de não serem escutados e a compreensão que a expressão direta da raiva não ajudava no desejo de serem escutados.

Sente-se perdido em uma esquina entre a necessidade de aprovação e a necessidade de desobediência. Anestesia-se a si mesmos, afim de que a atenção deles recaia no problema de estar de acordo ou não com as opiniões dos outros, ao invés de procurar uma própria posição. O problema de ter de tomar uma posição aumenta o dilema. A criança procura resolver o dilema abstendo-se das escolhas.

Existe sempre tempo, existe sempre um depois, e na falta de uma forte motivação falta o impulso para decidir por uma direção ou por outra. Na falta de uma posição firme, existiria sempre tempo para que os problemas se resolvessem por si só.

A ânsia da decisão é atenuada pelo amor às rotinas.

Fragmentando a energia em deveres inúteis e diferentes, não deixa energia suficiente para afrontar o conflito que nasce da materialização dos reais desejos. Reter energia assegura um estado de estalo. A energia funciona em baixo regime para cumprir o inútil, enquanto o essencial é adiado. Deste modo não existe espaço para a depressão que se insinua somente nos momentos de vazio.

O ter de escolher é um tal trauma que freqüentemente a decisão é adiada até que a situação se deteriore a tal ponto que não é mais possível salvá-la. Dado que sabem aquilo que não querem, mas não aquilo que querem, tendem a armazenar as decepções até que transbordem em uma violenta explosão e a escolha venha feita sobre a insustentabilidade da situação.

A raiva deles tem necessidade de tempos longos para emergir porque em um primeiro momento as opiniões do outro parecem absolutamente legítimas. Vem depois o longo período de indecisões no qual o problema é examinado em todos os aspectos. E finalmente, nasce a decisão de que a própria raiva é justa e freqüentemente possa ser expressa com tal violência reprimida que pode espantar quem esteja habituado ao seu modo de agir acomodado do mediador.

Na relação como casal assumem os interesses e as necessidades do companheiro como se fossem as próprias. O companheiro se torna o ponto de referência para as decisões. Descrevem a atenção centrada sobre o companheiro como uma espécie de fusão com o outro. Sustentam que a fusão é implícita em uma relação de amor e com esta desaparece a sensação de separação.

Se a relação se rompe, é vivida sempre muito dolorosamente até porque existe a sensação de amputação de uma parte de si mesmo. Tendem, portanto a prolongar a relação, mesmo se tudo já tenha terminado, impostando a relação sobre os hábitos ao invés de sobre as escolhas.

Tendem a absorver a identidade do ambiente ou das pessoas que as influenciam. A nível psicológico as necessidades de identificar-se com os desejos do outro revela a exigência de ser aceito e de receber uma compensação pela sua auto-exclusão.